

CONEXÃO DE SABERES: A EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA EM CEILÂNDIA E AS EXPECTATIVAS DOS JOVENS DE ORIGEM POPULAR

*Verônica Lima da Fonseca Almeida
Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti
Maria de Fátima Rodrigues Makiuchi
Danielle Guedes Silva
Yara Ribeiro da Silva
Layane Lorrane da Silva Neves*

RESUMO

A maioria dos jovens de origem popular passa grande parte da sua vida estudando na rede pública de ensino. No entanto, ao término do Ensino Médio, a maioria não consegue garantir o seu ingresso em universidades públicas, o que demonstra que estes jovens estão em condição de desigualdade. Neste quadro, muitos desistem de entrar na universidade enquanto outros continuam tentando novos vestibulares. Este artigo¹ objetiva discutir a situação dos jovens de origem popular da cidade de Ceilândia, DF, alunos do ensino médio e suas expectativas em relação ao Ensino Superior. Esta expectativa é levantada pelos conexas do Projeto Caminhadas para a Universidade em Ceilândia, utilizando como instrumento metodológico um questionário contendo questões abertas e fechadas. Os resultados demonstram que os investigados, em sua maioria, já prestaram vestibular para adquirir experiência, tendo os cursos de letras, direito e pedagogia como destaque. Conclui-se que a maioria dos jovens tem o objetivo de entrar na universidade pública com o intuito de fazer concurso público e ter um cargo efetivo, enquanto uma minoria busca continuidade nos estudos para se realizar na área escolhida.

PALAVRAS-CHAVE: juventude; desigualdade; acesso à universidade pública.

ABSTRACT

Most young people of popular origins spend a part of their life studying at the network of public education. However, at the end of high school most cannot guarantee their entrance into public universities, which shows that these young people are in conditions of inequality. In this context, many of them give up the university, while others continue trying a new vestibular. This article discusses the situation of young people of popular origins from the city of Ceilândia, DF, high school students, and their aspirations for higher education. This expectation is raised by connectors of Projeto Caminhadas para Universidade em Ceilândia – Project Walking into University in Ceilândia –, using methodological instrument containing a questionnaire of opened and closed questions. The results demonstrate that the investigated, in most cases, already provided for vestibular experience, of courses of Letters, Law and Pedagogy as prominent. It is concluded that most young people aims to enter the public university with order to open and take a effective position, while a minority search continue to carry out the studies in the area chosen.

KEYWORDS: youth; inequality; access to public university..

INTRODUÇÃO

Para muitos jovens de origem popular, uma das maiores dificuldades que enfrentam ao terminar o ensino médio é entrar na universidade e, mais ainda, nela permanecer, uma vez tendo conseguido passar no vestibular. Com base nestas questões, o Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), criou, em 2004, o Programa Conexões de Saberes – diálogos entre a universidade e as comunidades populares. Este é um programa nacional sendo desenvolvido atualmente em 33 universidades públicas e prioriza entre os seus objetivos a qualificação da formação e a permanência de estudantes das camadas populares, articulando ações de extensão universitária que fomentem as trocas de saberes entre o conhecimento acadêmico e das comunidades de origem destes estudantes. “Conexões de Saberes é um dos programas do MEC que expressa de forma nítida a luta contra as desigualdades, em particular no âmbito educacional” (MARTINS et al, 2006, p. 9).

O programa teve início na Universidade de Brasília (UnB), em agosto de 2005, contemplando a política de inclusão social universitária. Desta maneira, a UnB buscou, no seu espaço acadêmico, desenvolver discussões e ações para que a democratização do acesso à educação superior se tornasse realidade. As discussões ocorreram não apenas dentro deste espaço, mas também em comunidades de origem popular. O programa tenta valorizar e incorporar as expectativas e experiências dos jovens (com idade entre 17 a 24 anos) de origem popular, na formação universitária, bem como nas ações de extensão, aliando os saberes teóricos e práticos. Dessa forma, busca-se melhorar as condições objetivas que contribuam para que os estudantes de origem popular permaneçam e concluam com êxito a sua graduação. Para isto, procura-se proporcionar ações pedagógicas como leituras, discussões, práticas de ensino (através de oficinas) e também se estimula a prática da pesquisa, de modo que estes jovens tenham a oportunidade de investigar e resolver problemas através de sua ação na comunidade.

O Programa é vinculado ao Decanato de Extensão da UnB (DEX), procurando estreitar os vínculos entre as instituições acadêmicas e as comunidades populares. As áreas temáticas envolvidas no Programa são: educação, cultura e meio ambiente, sendo desenvolvidas por meio de atividades de extensão nas cidades satélites de Santa Maria, Ceilândia, Planaltina e Gama.

Na UnB o programa conta com mais de trinta bolsistas, estudantes de diferentes cursos de graduação que realizam atividades de extensão comunitária. Desta forma, eles estabelecem um diálogo entre a comunidade e a universidade. Em 2007 e 2008, os bolsistas do programa participaram de atividades em diversas comunidades do Distrito Federal: em Ceilândia, com o desenvolvimento de oficinas preparatórias para o vestibular ministrado no Núcleo de Práticas Jurídicas da UnB; no Gama, no Núcleo de Extensão, constituindo parceria com o Programa Diálogos Acadêmicos, e em uma escola de Ensino Médio; em Planaltina, com atuação em vários projetos na área ambiental, com Projeto Alimentação Sustentável em parceria com o Programa Diálogos Acadêmicos; em Santa Maria, com foco na área de gênero e atuação no Núcleo de Extensão da cidade; e em Brazlândia, com foco na área ambiental. No momento, o Programa está procurando redesenhar suas ações de extensão comunitária a partir do desenvolvimento de grupos de interesse conjuntamente com os bolsistas.

Neste artigo será analisada a atividade de extensão desenvolvida em 2008,

na região administrativa de Ceilândia, quando foi desenvolvido o Projeto Caminhadas para a Universidade. Neste projeto, os conexistas² realizaram uma pesquisa com os alunos de ensino médio, participantes das atividades desenvolvidas no 1º semestre deste ano, com intuito de conhecer seus objetivos e expectativas em relação ao ensino superior. Objetivou-se, com esta investigação, situar a atividade de extensão como um processo formativo dos bolsistas, mas também compreender o perfil da comunidade e repensar sobre a atividade de extensão proposta neste lugar. Segundo Freire (2000), a formação permanente dos professores é o momento fundamental da reflexão sobre a prática. Foi justamente ao se pensar a prática na extensão em Ceilândia e a realidade existente que os conexistas puderam, num processo de formação, perceber que é preciso melhorar esta prática. Parte dos resultados da pesquisa foi realizada e analisada pelos conexistas. Na medida em que estes estão no dia a dia da comunidade e percebem o que é ser um jovem de origem popular e querer ter acesso à universidade pública, eles logo compreendem o universo de pesquisado.

Para demonstrar este processo, o texto foi desenvolvido em três partes. Primeiramente apresenta a configuração da cidade de Ceilândia, no intuito de demonstrar a história, a realidade econômica e social que fazem parte da vida de muitos jovens que lá residem. Em seguida, descreve a atividade de extensão do Projeto Caminhadas para Universidade em Ceilândia, onde foi realizada a pesquisa, apresentando a metodologia utilizada e os resultados alcançados. Posteriormente, apresenta as considerações finais.

A REGIÃO ADMINISTRATIVA DE CEILÂNDIA

Ceilândia é uma das regiões administrativas mais populosas do Distrito Federal, DF, com um dos maiores índices de violência e abandono escolar no Ensino Médio. Fica situada a 26 quilômetros de Brasília e o acesso é por meio da Estrada Parque Ceilândia (EPCL), popularmente conhecida como Via Estrutural, seguida pela BR-070, ou por meio da Estrada Parque Taguatinga (EPTG). Esta cidade tem como cidades vizinhas Taguatinga, Samambaia, Brazlândia e, no entorno (Goiás), Águas Lindas de Goiás e Santo Antonio do Descoberto. Ceilândia surgiu a partir de uma Campanha de Erradicação das Invasões (CEI), sigla que deu origem ao nome da região, realizada com o intuito de acabar com as invasões que se intensificavam no território destinado ao Plano Piloto (Brasília). Em

1969, Brasília já contava com 79.128 pessoas vivendo em invasões, o que totalizava 14.607 barracos, para uma população de 500 mil habitantes residentes no Distrito Federal.

De acordo com dados do Governo do Distrito Federal (GDF, 2009-b) em 27 de março de 1971, o governador Hélio Prates lançava a pedra fundamental da nova cidade onde, atualmente, está a Caixa D'Água iniciando, também, o processo de assentamento. A nova cidade foi denominada Ceilândia, numa junção da sigla da campanha "CEI" com a palavra norte-americana *land*, que significa cidade. Após nove meses, todas as famílias já tinham sido transferidas e as ruas já estavam abertas, de acordo com o projeto urbanístico de Ney Gabriel de Souza. Em 1975, pelo Decreto nº 2.943, foi criada a Administração de Ceilândia, vinculada à Administração Regional de Taguatinga. Somente em 1989, pela Lei nº 11.921, Ceilândia foi reconhecida como Região Admi-

nistrativa – RA IX, do Distrito Federal. Atualmente, Ceilândia conta com mais de 350 mil habitantes, sendo o maior colégio eleitoral do DF e possui, aproximadamente, 4,5 mil estabelecimentos comerciais (formais e informais) e 1,6 mil indústrias. De acordo com o GDF, os dados da Codelam, em 1997, mostram que a população era de 351.650 habitantes, representando 18,87% da população do Distrito Federal. Da mesma forma, também os dados do IBGE/1996 revelam um contingente de 176.622 mulheres e 166.212 homens num total de 342.834 de habitantes.

Ceilândia possui 11 bairros populares. De acordo com o Censo Demográfico/2000 (GDF, 2009-a), sua população era de 343.694 habitantes. Os jovens com faixa etária entre 15 a 19 anos e 20 a 24 anos são maioria (Censo/96) – 13,17% e 13,04%, respectivamente. Seu sistema público de saúde e educação atende, além de seus moradores,

peças da região do entorno que também sofrem com má prestação destes serviços como, por exemplo, Águas Lindas de Goiás e Santo Antônio do Descoberto. Na atualidade, a cidade de Ceilândia tem crescido muito, em função do número de invasões que se multiplicam ano a ano. Os problemas são muitos, principalmente para os que moram em condomínios irregulares como Privê, Pôr-do-Sol e Sol Nascente, onde vivem hoje 82 mil pessoas. A falta de emprego, moradia, saneamento básico, coleta de lixo e tratamento de água torna a vida destas pessoas mais sofrida, realidade de quem mora nas invasões. Na região, não existem hospitais, postos de saúde, escolas, delegacias ou posto policial e nem transporte público. É uma vida totalmente improvisada. Os estudantes que moram nas invasões têm que percorrer grandes distâncias para estudar nas áreas regularizadas e alguns caminham quilômetros a pé. No que se refere à educação em áreas regulares na cidade, há escolas da rede de ensino pública e particular que desenvolvem a educação infantil, fundamental e média. Além destas, há também um Núcleo de Extensão da UnB, um Centro de Educação Profissionalizante (CEP) que contribui para a formação de muitos jovens e também o Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia (Cilc), que oferece cursos de inglês, espanhol e francês para os estudantes que cursam o Ensino Médio e Fundamental da rede pública.

O cenário da vida de muitos jovens de origem popular, que moram em Ceilândia, não é muito diferente da realidade de outros jovens do Brasil, pois à pobreza, às drogas, à violência e ao desemprego somam-se a falta de oportunidades. Conforme Melucci (1997), a natureza precária da juventude coloca para a sociedade a questão do tempo. Isto porque para este autor, a juventude deixa de ser uma condição biológica e se torna uma definição simbólica.

As pessoas não são jovens apenas pela idade, mas porque assumem culturalmente a característica juvenil através da mudança e da transitoriedade. Revela-se pelo modelo da condição juvenil um apelo mais geral: o direito de fazer retroceder o relógio da vida, tornando provisórias decisões profissionais e existenciais, para dispor de um tempo que não se pode medir somente em termos de objetivos instrumentais. (op. cit.1997, p. 13)

Assim também temos casos de meninos e meninas com idade entre 10 e 12 anos que querem se sentir jovens e adultos antes do tempo visto pela nossa sociedade como ideal, isto é de 16 a 24 anos. Muitos saem de suas casas e da convivência com os pais antes de completar 16 anos. Alguns casos estão relacionados com problemas familiares por parte dos pais e outros referem-se ao envolvimento dos filhos com roubos e drogas. De um modo geral, muitos jovens apresentam o desejo de se sentirem responsáveis de si próprios, com comportamento de um adolescente de 14 a 17 anos, quando ainda tem 10 ou 12 anos. Assim como há casos de jovens com 17 a 21 anos que saíram de casa por que querem estudar e trabalhar dando conta de si, e muitas vezes ajudam os pais no orçamento doméstico. Os índices de violência e do uso de drogas em Ceilândia são dos maiores do Distrito Federal. Para uma conexas, que mora próximo à Ceilândia, isto ocorre não só porque esta cidade é muito populosa, mas, também, porque embora tenha alguns espaço de lazer, cultura e esporte, estes se tornam insuficientes e muitas vezes inacessíveis a muitos jovens e crianças, pela distância ou pelo acesso exclusivo ao uso da instituição.

Muitos jovens sofrem por não ter ensino de qualidade e por lutar para conseguir um emprego. Segundo esta extensionista, a sociedade está focada nas questões materiais e ser um jovem legal é ter um bom tênis e usar roupas de marca. Para a jornalista Klingl em artigo sobre jovens que utilizam drogas e abandonam a

escola³, eles têm vários problemas.

Vêm de famílias desestruturadas, consomem álcool e são viciados em drogas. Agregam-se ao tripé explosivo particularidades da sociedade moderna, marcada por individualismo e desrespeito ao outro. Vale lembrar, também, o apelo ao consumo, que estimula a corrida por produtos cuja posse representa status. (KLINGL, 2009)

Este artigo explica a motivação de crimes por menores de idade de comunidades populares no Distrito Federal e nas regiões do Entorno. Conforme Klingl, estes jovens ficam mais vulneráveis sendo atingidos por essa cultura material e cometendo crimes para se igualarem aos outros jovens e pertencer ao grupo. Em outra reportagem, o jornalista (FIGUERA, 2008)⁴ trata sobre a violência em Ceilândia, onde moradores vivem momentos de pânico: “Os jovens não sabem porque foram alvo de um atentado.” Este fato situa a realidade vivida pelos moradores dessa cidade, onde ora os jovens são os autores da violência ou crime ora são vítimas. A situação de segurança, saúde, educação e outros serviços públicos pode variar em Ceilândia. Na cidade, há bairros menos atendidos pelos serviços públicos como o Setor de Chácaras, lugares em que os moradores se sentem excluídos. Há uma espécie de subdivisão entre a área “mais desenvolvida” e a “menos desenvolvida”, que nos faz pensar que a comunidade tem um centro e uma periferia. Outro dado preocupante foi divulgado no Censo Escolar (2007, p. 1.717): alunos de escolas públicas abandonaram o Ensino Médio, diminuindo, portanto, as suas oportunidades e chances de acesso à universidade. O abandono pode ser explicado, principalmente, pela necessidade de ajudar no sustento da família. Assim, a vida dos jovens desta comunidade é difícil, pois desde cedo precisam contribuir com a renda familiar e em alguns casos são os principais provedores da família. As dificuldades desmotivam e afetam a autoestima do aluno de

escola pública não só de Ceilândia, mas de toda comunidade popular. Para estes jovens, o acesso à universidade pública é um sonho distante, por isso é necessário discutir políticas públicas e transformar ideias em ações.

Segundo uma estudante entrevistada: “política é o conjunto de meios utilizados para fins diversos, sendo o principal objetivo o bem comum”. Nesse sentido, é preciso haver mais políticas públicas voltadas para o jovem de comunidades populares, pois estes são vulneráveis por se encontrarem, na maioria das vezes, em situação desvantajosa em relação aos jovens de nível econômico maior. É preciso garantir o acesso à educação de qualidade e ao ensino superior público estas são questões primordiais para o desenvolvimento do indivíduo participativo na sociedade.

O PROJETO CAMINHADAS PARA A UNIVERSIDADE, EM CEILÂNDIA

O Projeto Caminhadas para a Universidade, em Ceilândia, foi uma das ações do Programa Conexões de Saberes, da Universidade de Brasília. Teve por objetivo estimular jovens das escolas públicas a melhorar seu nível de aprendizagem escolar, bem como desenvolver uma visão política e crítica sobre sua realidade social, vislumbrando possibilidades de mudanças por meio de sua participação nos processos sociais locais. Este projeto iniciou-se em 2007 tendo continuidade no primeiro semestre de 2008, sob a forma de curso pré-vestibular popular, desenvolvido por meio de oficinas pedagógicas com conteúdos que fazem parte do programa de aprendizagem do ensino médio. As oficinas foram desenvolvidas no Núcleo de Extensão da UnB, em Ceilândia, em parceria com o Programa Casa Brasil, por bolsistas com orientação de um professor tutor

da UnB que participava como colaborador. As aulas ocorreram de segunda a sábado no turno da tarde e, inicialmente, envolveu alunos provenientes de três escolas públicas de ensino médio inseridas na área de abrangência do projeto. Este procurou atender cerca de sessenta estudantes com idade entre 17 a 21 anos.

O Projeto Caminhadas para a Universidade, em Ceilândia, desde o início teve o maior número de extensionistas, em função da demanda comunitária ser de um público maior. Neste sentido, as atividades oferecidas exigiam esta estratégia pedagógica, de tal modo que estas eram desenvolvidas por bolsistas e voluntários graduados, mestres e graduandos das várias áreas de ensino. A comunidade procurou os bolsistas e a coordenação do programa para que houvesse uma ampliação na sua capacidade de atendimento aos jovens, adultos e crianças.

No primeiro semestre de 2008, foi verificado que a capacidade de atuação na comunidade era insuficiente para atender à realidade local, isto porque havia uma lista de pessoas que tinham interesses em participar do projeto. Em função disto, foi preciso selecionar o perfil de jovens a serem atendidos no Projeto Caminhadas para Universidade. A metodologia utilizada na inserção da comunidade foi divulgar nas escolas públicas do ensino médio, o pré-vestibular popular, ao qual podiam se inscrever jovens de baixa renda que residissem próximos ao núcleo e que quisessem estudar. Para isto foi realizada entrevista para averiguar o perfil do candidato que apresentasse a maior carência. Os demais candidatos ficavam na lista de espera e quando havia desistência de participantes, preenchiam-se as vagas.

A PESQUISA E A METODOLOGIA

Em 2008, verificou-se que a procura pelas oficinas não era apenas de jovens, mas também de adultos que haviam terminado o ensino médio e

queriam fazer vestibular para voltar a estudar.

Estas e outras questões vivenciadas pelos conexistas na comunidade tornaram-se ponto de reflexão, conduzindo à realização de uma pesquisa com metodologia de análise qualitativa e quantitativa. Para isto, elaborou-se um questionário com questões objetivas e subjetivas como instrumento de pesquisa, no intuito de conhecer os objetivos e expectativas dos participantes no projeto. A pesquisa foi aplicada e analisada pelos conexistas.

O procedimento foi realizado a partir de uma conexista que reuniu os participantes do projeto, explicou a necessidade da pesquisa e orientou os jovens que quisessem responder, de forma espontânea, o questionário. Este foi realizado no primeiro semestre de 2008 e aplicado a 25 jovens. Nele havia cerca de oito itens envolvendo questões sobre dificuldades em conteúdos do ensino, acesso à informação e objetivos do vestibular, entre outras. Entretanto, neste artigo serão apresentadas quatro das questões com seus respectivos dados e análises, ficando as demais para outro momento.

A primeira questão averiguava se o participante já havia prestado vestibular na UnB ou em outras instituições de ensino superior. A segunda buscava identificar as opções de curso dos estudantes. A terceira questão procurava visualizar os motivos que conduzem os estudantes a lutarem para entrar no ensino superior. E a última intencionava investigar entre os jovens que ainda não haviam prestado vestibular e os que já o haviam prestado, quais as escolhas dos cursos superiores.

Na primeira questão, verificou-se que a maior parte dos pesquisados já havia prestado vestibular na UnB e em outras instituições de ensino superior. Em contrapartida, observou-se que oito jovens não haviam prestado vestibular, o que conduziu uma bolsista a organizar um momento de orienta-

ção vocacional, com dados sobre os cursos, as áreas de atuação e a concorrência no vestibular.

Com relação à escolha dos cursos, 17 responderam como sendo os cursos de Letras, Direito e Pedagogia os preferidos. Os demais foram: Arquitetura, Administração, Biblioteconomia, Ciências Sociais, Matemática, Odontologia, Enfermagem e Psicologia. Isto demonstra que de certa forma há uma visão diversificada sobre outras áreas, como o caso dos que aspiram por Biblioteconomia, curso pouco conhecido e divulgado, demonstrando que há novas perspectivas para o campo profissional. Os dados na escolha do curso demonstram que os participantes têm interesses em áreas do âmbito social, educacional e cultural. Para uma estudante “o Curso de Letras está entre os mais citados pela comunidade, por ser um curso bom, em que a nota de corte no vestibular não é tão alta e pode proporcionar um retorno rápido.” Como também o graduando deste curso pode dar aulas em escolas particulares ou públicas, em cursos de línguas, em pré-vestibular e trabalhar na área de pesquisa.

Em relação aos motivos dos 25 jovens optarem pelo ensino superior, a maioria dos participantes visa ao mercado de trabalho e à outra realização profissional, ambos tendo a intenção de prestar concurso público, ou seja, trabalhar em órgãos públicos.

Por outro lado, verifica-se que esta representação do ensino superior relacionado a concursos, deve-se ao fato destes oferecerem maiores salários para cargos de nível superior e ainda apresentam uma concorrência menor. Observou-se também que entre os investigados sete jovens não responderam ou não sabiam dizer porque buscavam ingressar no ensino superior. Este fato é normal, uma vez que alguns deles chegam ao final do ensino médio e ainda não sabem o que vão fazer. Uma minoria procu-

ra ingressar na universidade para ter uma formação superior, dando continuidade aos estudos.

A quarta questão diz respeito às opções de curso que os jovens gostariam de fazer para ingressarem na universidade. Dos oito que ainda não tinham prestado vestibular, a maioria optou pelos cursos de Medicina e Artes Cênicas e os demais por outros. Entre os que já haviam prestaram vestibular, a maioria escolheu os cursos de Direito e Letras, seguidos de Educação Física e Artes Cênicas.

Visualiza-se nesses dois casos a necessidade de *status* e de reconhecimento dos jovens ao optarem por cursos como Direito e Medicina, que são dispendiosos economicamente e precisam de tempo integral para ser concluídos. Assim percebe-se que estes jovens também querem poder fazer um curso que é reconhecido como ideal por trazer retorno financeiro e *status* social. Mas, entende-se que os jovens de origem popular terão maiores dificuldades para entrar e sair com o curso concluído, pois, geralmente, trabalham e ajudam sua família. Outra realidade é que muitos destes jovens, quando não desistem de fazer vestibular em universidade pública no curso escolhido, terminam ingressando na universidade particular em outras áreas. Além disso, verifica-se que muitos terminam procurando as áreas de Humanas, em função da concorrência ou pela precariedade no processo de aprendizagem dos conteúdos disciplinares, em especial na área de Exatas.

Entrar na universidade é apenas o primeiro obstáculo, permanecer e se formar é o mais oneroso. Segundo Oliveira (2006), os gastos não são apenas com relação ao transporte e roupas, mas também materiais didáticos para complementar sua formação.

Na universidade, não é diferente: Raul sofre muitas privações como não poder ir a congressos, mini-cursos, fazer um trabalho mais bem elaborado, digitado, tirar xérox, acompanhar um

estágio; até mesmo a algumas aulas importantes ele não pode ir, pois não tem dinheiro. (OLIVEIRA, 2006, p. 139)

Provavelmente, aqueles que optaram pelo Curso de Letras talvez estejam levando em consideração todas essas dificuldades. Para uma estudante deste curso, este apresenta um retorno mais rápido que Direito ou Medicina.

Outro fenômeno observado é a banalização de cursos das áreas de Humanas, como Pedagogia e Letras, por exemplo, sendo oferecidos por diversas faculdades particulares com duração inferior ao curso normal e com mensalidades baixas em relação ao preço de mercado. Este fato tem conduzido muitos jovens a trabalhar para entrar nestas instituições por entenderem que terão maiores chances de ingressar no ensino superior pelo sistema de ensino particular, desistindo das universidades públicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Programa Conexões de Saberes reconhece a problemática dos jovens oriundos das classes populares e busca desenvolver ações afirmativas para que estes ocupem as universidades públicas.

Ao situar a cidade de Ceilândia com seus aspectos sociais, culturais e econômicos, compreendeu-se que a vida dos seus moradores é muito difícil. O próprio contexto de criação da cidade é marcado por preconceito, desigualdade, indiferença e separação de classe e poder.

O poder político distrital encontrou a solução das invasões no Plano Piloto, separando Ceilândia em uma distância (o caminho mais próximo) de 26 quilômetros de Brasília, o lugar ideal para excluir os trabalhadores da construção da capital do país. Estes trabalhadores e suas famílias são, em

sua maioria, nordestinos, mineiros e goianos. Apesar de possuir uma das maiores populações do Distrito Federal, Ceilândia não apresenta serviços públicos suficientes para atender à sua população. Além desse fato, a cidade apresenta alto índice de violência e desemprego, configuram situações envolvendo pobreza, invasões e drogas, entre outras.

Boa parte da juventude de Ceilândia convive com a pobreza, a violência, o mundo das drogas e o álcool, e muitos destes jovens, marginalizados desde a origem pelo poder público, abandonam os estudos e se envolvem em roubos ou situações de violência.

A existência do Projeto Caminhadas para a Universidade colabora com a inclusão desta juventude num espaço de diálogo e acolhimento das suas diferenças, buscando não somente contribuir para o seu ingresso no ensino superior, mas, acima e antes de tudo, no seu reconhecimento como pessoa humana e sujeito de direitos. Esta pesquisa indica que as expectativas dos participantes (comunidade) do projeto são de entrar na universi-

dade pública para melhorar as suas condições materiais de vida. Este pensamento não descreve apenas um desejo utópico, mas expressa a representação de que vale a pena lutar pelo ensino superior, por ser um caminho vislumbrado para mudança social, cultural, econômica e política. Foi verificado nestes dados que o concurso público é a segunda meta após terminar o curso universitário, já que a luta pela sobrevivência está acima de tudo. Estes jovens participantes do projeto percebem nas atividades da extensão um caminho possível para aperfeiçoar seus conhecimentos e melhorar suas possibilidades de entrar na universidade pública.

O Programa Conexões de Saberes compreendeu que a pesquisa é um elemento relevante na ação da extensão por propiciar momentos de reflexões sobre a prática na formação dos seus bolsistas. O que demonstra que a extensão deve ser um campo de ação e pesquisa, contrariando a visão de assistencialismo de que a extensão não é científica em sua natureza. Bem como, se compreen-

deu que esta pesquisa possibilitou o repensar das ações da extensão voltadas para uma realidade composta por dificuldades, persistência e muita vontade de mudança. Assim, ficou compreendido que os investigados demonstram viver os mesmos anseios, dificuldades e persistência que os conexas do programa também vivenciaram antes de entrar na UnB. Deste modo, percebe-se que há uma repetição de papéis sociais, uma vez que os jovens de origem popular enfrentam as mesmas dificuldades, mudando apenas o ano, o lugar, os caminhos e as pessoas. Por fim, estes resultados já fazem parte do planejamento da nova configuração da atividade de extensão do Programa Conexões de Saberes que serão implementadas em Ceilândia e Brazlândia pela UnB, neste ano de 2009.

NOTAS

¹ Este artigo foi apresentado no IV Congresso Brasileiro de Extensão Universitária – Tecnologias Sociais e Inclusão: Caminhos para a Extensão Universitária, organizado pela UFGD, de 27 a 30/04/2009, na cidade de Dourados, MS.

² Conexas são os alunos da UnB, igualmente jovens de origem popular, bolsistas no Programa Conexões de Saberes que atuam como professores na atividade de extensão comunitária.

³ Artigo publicado no jornal Correio Braziliense “As raízes da violência”, relata histórias de jovens reincidentes em atos inflacionários demonstrando as falhas da família, do Estado e da própria sociedade.

⁴ Artigo do jornal Correio Braziliense “Violência em Ceilândia faz a polícia trabalhar com a hipótese de gangues”, mostra a situação de insegurança dos moradores, em especial, os jovens.

REFERÊNCIAS

FIGUEIRA, Ary. Violência em Ceilândia faz a polícia trabalhar com hipótese de guerra de gangues. *Correio Brasiliense*. Brasília, 23/9/2008. Caderno Cidades.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz na Terra, 2000.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. *Censo Demográfico, 2000*. Disponível em: <<http://www.ceilandia.df.gov.br/dadosdemograficos>>. Acessado em: 7/3/2009 (a).

_____. *Administração Regional da Ceilândia*. Disponível em: <www.ceilandia.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=60335>. Acessado em: 7/3/2009 (b).

KLINGL, Erika. As raízes da violência. *Correio Brasiliense*. Brasília, 1º/3/2009. Caderno Cidades, p. 30-31.

MARTINS, Leila Chalub et al. Introdução. In Silva, Ana Lidia da (et al), *Caminhadas de universitários de origem popular: UnB*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. (Coleção caminhada de universitários de origem popular).

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In *Revista Brasileira de Educação*, n. 5 maio/jun./jul./ago. 1997. Disponível em: <http://www.aracati.org.br/portal/pdfs/13_Biblioteca/Publicacoes/Juventude_Contemporaneidade.pdf#page=25>. Acessado em: 28/4/2009.

OLIVEIRA, Rhaul de. Quem é o Rhaul de Oliveira? In Silva, Ana Lidia da (et al), *Caminhadas de universitários de origem popular: UnB*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. (Coleção caminhada de universitários de origem popular).

Verônica Lima da Fonseca Almeida é mestranda pelo Centro de Desenvolvimento sustentável (CDS/UnB) e integra a equipe do projeto, veronicalfa@gmail.com

Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti é professora doutora do Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB, izaneti@terra.com.br

Maria de Fátima R. Makiuchi é professora doutora do Centro de Desenvolvimento Sustentável-CDS-UnB e coordenadora do projeto, mariamakiuchi@uol.com.br.

Danielle Guedes Silva é graduanda em Letras pela UnB e integra a equipe do projeto, danygsilva@gamil.com.

Yara Ribeiro da Silva é graduanda em Letras pela UnB e bolsista do programa, yara.etb@gmail.com

Layane Lorrane da Silva Neves é graduanda em Letras pela UnB e integra a equipe do projeto, neves.layane@gmail.com